

FORMA NOMINAL DO VERBO EM XAVANTE

Adriana Machado Estevam – CELIA

Introdução

O objetivo deste trabalho¹ é apresentar e definir o que chamaremos a *forma nominal do verbo*² em xavante³. Esta é a forma do paradigma verbal usada quando o verbo é o núcleo de um sintagma com propriedades internas verbais e com propriedades externas nominais⁴. Para mostrar como a forma nominal do verbo conjuga estas propriedades, examinaremos primeiro as propriedades do sintagma verbal com função de predicado numa oração independente e numa oração dependente de outro verbo. Em seguida, olharemos para as propriedades externas de um sintagma nominal. Para facilitar a leitura deste trabalho, alguns aspectos da morfologia da língua são dados a seguir.

1. Aspectos morfológicos da língua

1.1. Classes verbais morfo-sintáticas

Um verbo em xavante pode ser caracterizado pela sua forma como tendo um ou dois argumentos nucleares expressos na morfologia. Chamaremos o verbo no primeiro caso de verbo intransitivo e no segundo de verbo transitivo, assim como nos exemplos (1) e (2) respectivamente.

(1) E ma we ai-wi ?
 PI HTO.P CTP 2ªSG-chegar
 Você chegou?

(2.a) We ai-azö !
 CTP 2ª-bater
 (Vem) cá (que eu vou) te bater!

(2.b) E te za ã-wa-azö ?
 PI HTO.NP FUT 2ª-1ªPL-bater
 Você vai nos bater?

A distinção entre verbos intransitivos e transitivos observa-se na expressão morfológica do(s) argumento(s). O argumento “agente” dos verbos transitivos aparece sob a forma de um prefixo ã- quando este argumento é de segunda pessoa, tal como em (2.b); não há prefixos para as demais pessoas. A expressão morfológica do argumento “paciente” dos verbos transitivos é um índice pessoal prefixado numa posição intermediária entre o índice de agente e o radical verbal. A série de índices pessoais que indicam o argumento único dos verbos intransitivos é muito parecida com a série de prefixos que marcam o argumento paciente dos verbos transitivos. Porém, a hipótese de uma única série absoluta pode ser descartada, como veremos em 1.2.1., por uma diferença no prefixo de terceira pessoa honorífica, que revela duas séries distintas.

¹ Agradeço ao meu orientador, Francesc Queixalós, pelas suas observações na leitura deste artigo.

² Tratada por McLeod & Mitchell (2003 : 144) como orações relativas.

³ Língua da família jê, do tronco macro-jê, falada por aproximadamente 15,000 falantes no estado do Mato Grosso, repartidos em sete terras indígenas : Marãiwásédé, Marechal Rondon, Pimentel Barbosa, Areões, Parabubure, Sangradouro e São Marcos, onde nossos dados foram coletados. A ortografia que adotamos aqui é a de Lachnitt (1999), com exceção dos dígrafos *ts* e *dz*, que simplificamos para *s* e *z* respectivamente, e do diacrítico ‘, substituído por ?. As gloses gramaticais são abreviadas da seguinte maneira: 1/2/3ª (primeira/segunda/terceira pessoa), AUX (auxiliar), CTP (direcional centrípeta), DAT (dativo), DEM (demonstrativo), EGO (egofórico), FIN (finalidade), FUT (futuro), GNQ (genérico), H (honorífico), HTO (heterofórico), IMP (imperfectivo), INESS (inessivo), N (forma nominal), NEG (negação), NGR (nome genérico relacional), NP (não perfeito), PE (partícula de ênfase), P (perfeito), PI (partícula interrogativa), PL (plural), QNT (quantificador), RFL (reflexivo), SG (singular), TRS (translativo).

⁴ Adotamos aqui a perspectiva de Haspelmath (1996 : 52).

A expressão sintática dos argumentos é facultativa. No caso do sujeito⁵ ela pode ser feita por um clítico anteposto ao sintagma verbal, que é possível considerar como um ‘afixo de sintagma’ – segundo a expressão ‘phrasal affixes’ de Anderson (1992 : 198) –, ou seja como a expressão no nível sintático de uma categoria grammatical que pode ocorrer com a mesma função no nível morfológico. Além de expressar a categoria de pessoa do argumento agente dos verbos transitivos e do argumento único dos verbos intransitivos, o proclítico sujeito também indica a categoria de aspecto. A categoria de pessoa só faz uma distinção entre a primeira pessoa e todas as outras, ou, segundo a terminologia encontrada em Tournadre (1994 : 151), entre egofórico e heterofórico. A categoria de aspecto opõe o perfeito ao não-perfeito, mas esta oposição só é visível na forma do proclítico heterofórico. As formas do clítico sujeito são dadas no quadro abaixo.

Egofórico (1ª pessoa)		<i>wa</i>
Heterofórico (não 1ª pessoa)	Não perfeito	<i>te</i>
	Perfeito	<i>ma</i>

Quadro 1: Proclítico sujeito

Quando os argumentos são expressos por sintagmas nominais, não há marcação casual: o sujeito *ĩĩrada* « minha avó » em (3.a) e *aibö* « homem » em (3.b), assim como o objeto *wapsã* « cachorro » em (3.b), não são marcados nem por afixo, nem por adposição.

(3.a) E **ĩ-?rada** hã ma tō wi ?
 PI 1ªSG-avó PE HTO.P já [3ª]chegar
 Minha avó já chegou?

(3.b) **Aibö wapsã** te za azö.
 homem cachorro HTO.NP FUT [3ª]bater
 O homem vai bater no cachorro.

A seguir daremos exemplos de verbos intransitivos e transitivos para ilustrar as propriedades do sintagma verbal.

1.2. Morfologia verbal

As características da morfologia verbal apresentadas aqui servirão para a descrição da forma nominal do verbo e sua comparação com as formas finitas do paradigma verbal.

1.2.1. Flexão verbal

A flexão verbal tem como categorias o aspecto e a pessoa. Elas são marcadas por morfemas prefixados ao radical verbal, como o aspecto imperfectivo assinalado pelo prefixo *ĩre-* e o argumento de segunda pessoa honorífica indicado pelo morfema *a-* no exemplo (4).

(4) **Höiwi õwa ?re-a-höimana** za?ra.
 cima lá IMP-2ªH-ficar PL
 Vocês ficam lá em cima.

Existem duas séries verbais de índices de pessoa: uma para marcar o argumento dos verbos intransitivos, outra para indicar a pessoa do argumento paciente dos verbos transitivos, ambas expostas no quadro 2. Observa-se que apenas um índice, o prefixo de terceira pessoa honorífica, distingue as duas séries.

⁵ Algumas observações sobre a função sujeito serão feitas em 3.1.2.

Índice de pessoa do argumento único de verbos intransitivos			Índice de pessoa do argumento paciente de verbos transitivos		
1ª pessoa	Singular	<i>ĩ-</i>	1ª pessoa	Singular	<i>ĩ-</i>
	Plural	<i>wa-</i>		Plural	<i>wa-</i>
2ª pessoa	Não marcada	<i>a(i)⁶-</i>	2ª pessoa	Não marcada	<i>a(i)-</i>
	Honorífica	<i>a-</i>		Honorífica	<i>a-</i>
3ª pessoa	Não marcada	<i>ti- ~ ø-</i>	3ª pessoa	Não marcada	<i>ti- ~ ø-</i>
	Honorífica	<i>ta-</i>		Honorífica	<i>da-</i>
	Genérica	<i>da-</i>		Genérica	<i>da-</i>

Quadro 2: Séries de prefixos pessoais

1.2.2. Classes verbais morfológicas

Certas classes morfológicas são caracterizadas por uma alomorfia do radical verbal. Trataremos aqui apenas das classes onde esta alomorfia é pertinente para a expressão da categoria de finitude (ou dependência) do verbo. A primeira forma dos radicais verbais dados em (5) é o alomorfe usado quando o verbo depende sintaticamente de outro verbo na sentença, ou seja, quando o verbo é não finito⁷. Os exemplos (a), (b) e (c) ilustram os três tipos de alomorfia do radical. No primeiro, uma forma ‘curta’ do radical difere de uma forma ‘longa’ por apócope da consoante ou da sílaba final⁸. O segundo tipo de alomorfia é caracterizado pela alteração $-V_i r V_i \sim -V_i ? V_i$ no final do radical verbal, como em (b), e o terceiro pela alteração dos segmentos *nhi-* e *a-* no início do radical verbal, como em (c).

- (5.a) **wapari** ~ wapa ‘escutar’
 (5.b) **dö?ö** ~ dörö ‘morrer’
 (5.c) **nhipi** ~ api ‘cozinhar’

O parágrafo seguinte examina as propriedades do sintagma verbal em função de predicado. Veremos que o sintagma verbal mantém grande parte dessas propriedades verbais internas quando suas propriedades externas são nominais.

2. Propriedades do sintagma verbal em função de predicado

2.1. Em orações independentes

Dois tipos de construção destacam-se nas orações independentes: a construção afirmativa e a construção negativa/imperativa.

⁶ A alomorfia do prefixo de segunda pessoa é condicionada pelo tipo de fonema no início do radical verbal: segundo Costa de Oliveira (2007 : 134), a forma *ai-* precede uma vogal, e a forma *a-* uma consoante. Gostaríamos de sugerir, a partir dos dados a seguir, que o condicionamento é *ai-* diante de soantes e *a-* diante de obstruintes: *ai-morĩ* ‘você anda’, *ai-wara* ‘você corre’, *ai-hõiba* ‘você vive’, *a-sõtõ* ‘você dorme’, *a-to* ‘você brinca’. Neste caso, a vogal *a-* é breve. O prefixo de segunda pessoa honorífica *a-* é uma vogal longa.

⁷ Vale a pena ressaltar que este mesmo alomorfe do radical verbal pode ser também usado quando o verbo é finito em certos contextos (dependendo da pessoa, do aspecto, ou da presença de material morfológico depois do radical verbal). O importante aqui é que, quando o verbo é não finito, somente o primeiro radical em (5) é usado.

⁸ Várias interpretações foram sugeridas para esse fenômeno nas línguas do tronco macro-jê. Dourado (2001 : 30) propõe para os verbos do panará uma diferença em termos de aspecto, a forma longa sendo perfectiva e a forma curta sendo imperfectiva. Alves (2004 : 64) descreve a morfologia dos verbos em apãniekrá com uma oposição entre uma forma não finita (longa) e uma forma finita (curta), assim como Oliveira (2005 : 192) para os verbos em apinajé. De maneira semelhante, Salanova (2007 : 24) oferece uma análise do membengokrê onde o radical longo e o radical curto dos verbos correspondem a uma forma nominal e verbal respectivamente. Para o xavante, Santos (2008 : 82) sugere que os segmentos finais (tratados aqui como alvo de uma operação de apócope) sejam alomorfes de um ‘nominalizador de ação’, enquanto que a visão mais formal de Oliveira (2007 : 92-93) os trata como ‘morfemas verbalizadores’ ou ‘verbinhos’.

2.1.1. Oração afirmativa

O sintagma verbal numa oração independente afirmativa pode descrever uma situação em função de dois aspectos (fora do perfeito). Chamaremos o primeiro de ‘aspecto lexical’ e o segundo de ‘aorista’.

2.1.1.1. Aspecto lexical

Numa oração afirmativa com ‘aspecto lexical’, o verbo é usado numa forma finita de aspecto não marcado, correspondente ao seu aspecto lexical. Neste caso, o aspecto da situação construída pelo sintagma verbal corresponde ao aspecto lexical do verbo, ou seja: uma oração contendo um verbo télico refere a uma situação cumprida, executada, tendo atingido o seu fim natural – que pode ser representada por um intervalo fechado à direita –, enquanto uma oração cujo núcleo é um verbo atélico descreve uma situação que não contém um fim ou uma interrupção (e pode ser representada por um intervalo aberto à direita⁹). No exemplo (6), o verbo atélico *wapari* ‘escutar’ em (a) e o verbo télico *ai?upa* ‘comer, saciar-se’ em (b) nos sintagmas verbais correspondentes representam uma situação não cumprida e cumprida respectivamente.

(6.a) Te za ñ-wapa.
HTO.NP FUT 1^oSG-escutar
Ele vai me escutar.

(6.b) Wa za ai?upa.
EGO FUT comer
Vou comer (até ficar saciado).

O radical verbal usado para exprimir o aspecto lexical nesse tipo de oração é o radical da forma finita: *wapa* no caso do verbo transitivo ‘escutar’ em (6.a) e *api* no caso do verbo intransitivo ‘cozinhar’ em (6.b). Além disso, observa-se que o proclítico sujeito pode ocorrer nesse tipo de oração: é o caso do heterofórico não perfeito *te* em (a) e do egofórico *wa* em (b).

2.1.1.2. Aspecto aorista

Com o verbo no aspecto aorista, a oração afirmativa refere a um evento, ou seja, a uma situação representada por um intervalo fechado a esquerda e a direita¹⁰. Este aspecto é usado mais frequentemente para descrever um evento em circunstâncias que Guentchéva (1990 : 44-6) chama de ‘registro do não atualizado’, mas ele também ocorre no ‘registro enunciativo’¹¹. O primeiro caso é ilustrado em (7) por uma oração com sentido habitual em (a) e por uma oração com sentido genérico em (b). Com esta forma do verbo, o locutor não se implica na descrição da situação referida pela noção verbal, mas indica meramente a ocorrência do evento, o que pode servir para marcar um distanciamento temporal.

O radical verbal no aspecto aorista é o mesmo que o radical da forma não finita¹², ou seja, o radical ‘longo’ do verbo transitivo *wapari* ‘escutar’ em (7.a) e o radical com inicial *nhi-* do verbo intransitivo *nhipi* ‘cozinhar’ em (7.b). O proclítico sujeito pode ser usado, mas não é obrigatório, o que assinalamos no exemplo abaixo por parênteses em volta do egofórico *wa*.

(7.a) Duréi wa-te aihí?rata mreme mono hã (wa) te a-wapari.
há.muito.tempo 1^oPL-NGR ancestral palavra QNT PE EGO [1^oSG]AUX [3^o]PL-escutar
Há muito tempo ouço as palavras dos nossos ancestrais.

⁹ Seguimos aqui as definições de Desclés (1989).

¹⁰ Ver nota 5.

¹¹ “Une relation prédicative est [...] insérée dans un réseau de coordonnées énonciatives dont l’origine temporelle est un instant T₀ qui dépend directement de l’énonciateur S₀. [...] Le système de repérage d’origine T₀ est dit *registre énonciatif*. [...] Pour les événements narratifs qui ne sont plus repérables par rapport à l’origine temporelle T₀ (qui dépend de l’énonciateur), il est nécessaire d’introduire un autre système de repérage distinct de celui du registre énonciatif. Ce deuxième système est appelé *registre du non actualisé*.”

¹² Acreditamos que esta identidade pode se explicar pela mesma hipótese que Alves (2004 : 155) oferece sobre o timbira, onde ‘construções nominalizadas do proto-Timbira, com a ocorrência do sujeito genitivo e da forma não-finita do verbo (uma construção possessiva oblíqua), teriam sido reanalisadas no Timbira como construções finitas, passando a ser usadas em orações independentes’.

- (7.b) ãne (wa) za wa-ʔrata zô ʔre-wa-nhipi zaʔra.
 assim EGO FUT 1^oPL-avó FIN IMP-1^oPL-cozinhar PL
 É assim que vamos cozinhar para nossa avó.

2.1.2. Oração negativa e imperativa

Nas orações negativas e imperativas, há uma neutralização da oposição aspectual ‘lexical’ ~ ‘aorista’: o verbo é usado na forma não finita sem proclítico sujeito, com a negação *õ*, seguida da partícula *di* (obrigatoriamente presente) na caso da negação, às vezes com a partícula *na* no caso do imperativo. O exemplo (8) ilustra o caso da negação: o radical ‘longo’ do verbo transitivo em (a) e o radical com inicial *nhi-* do verbo intransitivo em (b) são os alomorfes da forma verbal não finita. O uso do proclítico sujeito heterofórico perfeito *ma* em (a) e egofórico *wa* em (b) seria agramatical, o que também assinala uma certa desaspectualização.

- (8.a) (***ma**) danhoʔre te wapari õ di.
 HTO.P canto [3^oSG]AUX [3^o]escutar NEG AUX
 Ele não escutou o canto.

- (8.b) (***wa**) ã-nhipi õ di za.
 EGO 1^oSG-cozinhar NEG AUX FUT
 Não vou cozinhar.

Apesar de serem independentes, as orações negativas e imperativas se aproximam muito mais, pelas suas características, das orações dependentes, como veremos a seguir.

2.2. Em orações dependentes

Em orações dependentes, as características do verbo são idênticas àquelas das orações negativas e imperativas¹³: também há uma neutralização da oposição aspectual ‘lexical’ ~ ‘aorista’ encontrada na oração independente e o verbo é usado na forma não finita sem proclítico sujeito. Isto é ilustrado em (9), com os radicais *wapari* e *nhipi* dos verbos ‘escutar’ e ‘cozinhar’ em (a) e (b) respectivamente. O uso do clítico egofórico em (a) e heterofórico em (b) tornaria as sentenças agramaticais, o que assinalamos no exemplo abaixo com o asterisco diante do clítico entre parênteses.

- (9.a) Te ã-ma ti-nha ãhi (***wa**) te wapari da.
 HTO.NP 1^oSG-DAT 3^o-dizer ancião EGO [1^oSG]AUX [3^o]escutar TRS
 Ele me disse para eu escutar o ancião.

- (9.b) Bödi, wa ã-si-ma wẽ (***te**) a-nhipi da.
 neta EGO 1^o-RFL-DAT [3^o]querer HTO.NP 2^oH-cozinhar TRS
 Neta, quero que você cozinhe.

2.3. O auxiliar -te

O auxiliar *-te* é necessário para marcar o sujeito, a forma aorista e não finita de um verbo transitivo tanto nas orações independentes negativas, imperativas e afirmativas de aspecto aorista, quanto nas orações dependentes, onde a finitude do verbo recai no auxiliar. Nos exemplos (7.a), (8.a) e (9.a) acima, ele aparece indicando o sujeito do verbo transitivo *wapari* ‘escutar’ numa oração independente de aspecto aorista, numa oração independente negativa e numa oração dependente respectivamente. Sua flexão é apresentada no quadro abaixo.

¹³ A diferença entre os dois tipos de construção é que a dependência do verbo é sempre marcada por um elemento explícito nas orações dependentes, como o translativo *da* no exemplo (9). Nas orações negativas, podemos ver esta mesma função no auxiliar *di*, mas em certas orações imperativas seria necessário postular um elemento zero para explicar que o verbo não é o núcleo da oração.

		Singular	Plural
1ª pessoa		\emptyset -te	wa-te
2ª pessoa	Não marcada	\emptyset - \emptyset	\emptyset -te
	Honorífica	a-te	
3ª pessoa	Não marcada	\emptyset -te	te-te / \emptyset -te
	Honorífica	da-te	
	Générica	da-te	

Quadro 3 : Paradigma do auxiliar -te

Veremos a seguir quais dessas propriedades verbais são mantidas num sintagma verbal cujo núcleo é um verbo na sua forma nominal. Mas, antes, algumas propriedades dos sintagmas nominais são enumeradas no parágrafo seguinte.

3. Propriedades de um sintagma nominal

As propriedades de um sintagma nominal examinadas aqui são as funções sintáticas assumidas por um sintagma nominal e as formas de expressão de um participante ‘possuidor’.

3.1. Funções sintáticas

Um sintagma nominal pode exercer diferentes funções sintáticas; apenas as funções de predicado, de complemento sujeito, objeto e oblíquo serão expostas aqui. Os sintagmas nominais ilustrando essas funções nos exemplos abaixo serão dados entre colchetes.

3.1.1. Função predicado

Quando o sintagma nominal exerce a função de predicado, a predicação é do tipo inclusiva/equativa, assim como o sintagma constituído pelo nome *dawedeʔwa* ‘enfermeira’ no exemplo seguinte. (Consideramos que o sintagma nominal assume diretamente a função de predicado porque nenhuma cópula pode ser reestabelecida em outros tempos ou aspectos.)

- (10) *Ăhăta piʔõ hă* [dawedeʔwa].
 DEM mulher PE enfermeira
 Aquela mulher é enfermeira.

3.1.2. Função complemento

São poucos os critérios para definir as funções de complemento¹⁴ em xavante: como já assinalamos em 1.1., não há marcação de caso do sujeito e do objeto; além disso, a ordem dos constituintes obedece à regras discursivas de focalização/topicalização que torna pouco pertinente a definição dos papéis sintáticos em função desse critério. O sujeito dos verbos transitivos só pode ser definido paralelamente ao sujeito dos verbos intransitivos de maneira arbitrária: se o critério de comparação for o clítico *wa/te/ma*, o sujeito dos verbos transitivos é o argumento ‘agente’, mas se o índice de pessoa prefixado ao verbo for escolhido como critério para definir o sujeito dos verbos transitivos, este será o argumento com papel de ‘paciente’. A primeira opção, contudo, é favorecida por motivos tipológicos.

Os exemplos (11), (12) e (13) ilustram respectivamente as funções de complemento sujeito, objeto e oblíquo que um sintagma nominal pode assumir. Em (11), o sintagma nominal sujeito *wapsă* ‘cachorro’ tem o mesmo referente que o clítico heterofórico perfeito *ma*. O complemento objeto em (12), *piza* ‘panela’, é indiciado no verbo pelo prefixo *ti-*. Um sintagma nominal com a função de complemento oblíquo é caracterizado por uma posposição: em (13), esta posposição, *zô*, indica a finalidade do processo.

- (11) [Wapsă] ma ã-sa.

¹⁴ Usamos o termo ‘complemento’ no sentido de Tesnière (1959) para designar as funções não predicativas de um sintagma nominal.

cachorro HTO.P 1ªSG-morder
O cachorro me mordeu.

(12) [Piza] wa za ti-du.
panela EGO FUT 3ª-carregar
Vou carregar as panelas.

(13) [Moʔõnihõĩʔré zô] wa mo.
cará.do.cerrado FIN EGO [1ªSG]ir
Estou indo atrás de cará do cerrado.

3.2. Formas de expressão de um participante ‘possuidor’

Dentro de um sintagma nominal pode ocorrer a expressão de um participante com papel de ‘possuidor’. Quando este é um argumento na definição do substantivo nuclear, no caso dos nomes inalienáveis, sua expressão é obrigatória. Ela pode ser feita por um sintagma nominal genitivo, ocupando a posição imediatamente anterior ao nome núcleo do sintagma nominal complexo, como o sintagma *aiʔuté* ‘criança’ em (14.a), mas também por um índice de pessoa, como o prefixo de terceira pessoa *ĩ-* em (14.b).

(14.a) **aiʔuté** mama
criança pai
pai da criança

(14.b) **ĩ-mama**
3ªSG-pai
pai dela

Quando o ‘possuidor’ não é um argumento do nome, ele pode ser introduzido pelo nome genérico relacional¹⁵ *-te* ‘coisa de’, nome que necessita a expressão formal de um argumento, por ser inalienável: sua flexão, idêntica à dos nomes inalienáveis, é exposta no quadro 4. No exemplo (15.a), o nome genérico relacional *-te* é adjunto ao nome *wapsã* ‘cachorro’ para exprimir o seu possuidor, *ĩmama* ‘meu pai’, que funciona como complemento genitivo do nome *-te*. A expressão do possuidor também pode ser morfológica, pelo prefixo de pessoa, como em (15.b).

(15.a) **ĩmama te** wapsã
1ªSG-pai NGR cachorro
cachorro do meu pai

(15.b) **ĩ-te** wapsã
3- NGR cachorro
cachorro dele

		Singular	Plural
1ª pessoa		ĩ-te	wa- te zaʔra
2ª pessoa	Não marcada	a-te	a- te zaʔra waʔwa
	Honorífica	a ¹⁶ - te	a- te zaʔra waʔwa
3ª pessoa	Não marcada	ĩ-te	ĩ-te zaʔra
	Co-referencial	ti-te	ti-te zaʔra
	Honorífica	ta-te	ta-te zaʔra
	Générica		da-te

Quadro 4 : Paradigma do nome genérico relacional *-te* ‘coisa de’

¹⁵ Sobre a questão dos nomes ‘alienáveis’ e ‘inalienáveis’, adotamos a análise de Queixalós (2005).

¹⁶ Lembramos que a diferença entre os prefixos de segunda pessoa não marcada e honorífica é a duração vocálica: uma vogal breve e uma vogal longa respectivamente.

O paradigma flexional e a função do nome genérico relacional são claramente distintos das formas e das funções do auxiliar *-te*. (A comparação dos dois paradigmas flexionais pode ser feita por meio dos quadros 3 e 4.) No entanto, a identidade formal entre os dois radicais é notável, e poderá parecer menos insólita no contexto da forma nominal do verbo.

4. Forma nominal do verbo

Todo verbo xavante possui no seu paradigma flexional uma forma nominal, marcada pelo prefixo *ĩ-*¹⁷. Quando o verbo é usado nesta forma, ele é o núcleo de um sintagma com propriedades internas verbais e propriedades externas nominais. Ele pode referir tanto à noção denotada pela raiz verbal quanto ao seu resultado (assim como nomes derivados de verbos do tipo ‘construção’).

4.1. Propriedades verbais

4.1.1. Morfologia verbal

As propriedades morfológicas verbais mantidas pela forma nominal do verbo são os prefixos de aspecto, tal como o morfema de imperfeito *ʔre* em (16), e de pessoa¹⁸, como o índice de terceira pessoa genérica *da-* em (17).

(16) [siʔõno da-te ʔre-ĩ-nhamrĩ zaʔra mono]
cesto 3^oGNQ-AUX IMP-N[3^a]trançar PL QNT
os cestos que as pessoas trançavam

(17) [marĩ te ĩ-da-wapari mono hã]
coisa [1^oSG]AUX N-3^oGNQ-escutar QNT PE
as coisas que eu escutava

Porém, a forma nominal do verbo só existe com o radical da forma não finita; este já assinala parte do caráter ‘nominal’ adquirido pelo verbo, pois ele serve para indicar que o verbo depende de outro predicado, ou seja, tem acesso às funções actanciais, tipicamente nominais. Além disso, o que o verbo perde de ‘verbal’ na forma, ele também perde do ponto de vista semântico, pois o radical que serve para marcar a dependência do verbo também é o radical do aspecto aorista: a oposição aspectual ‘lexical’ ~ ‘aorista’ é, portanto, neutralizada, a favor de um aspecto que não qualifica tanto uma noção verbal quanto aponta para a ocorrência em si de um evento (assim como um substantivo aponta para uma entidade).

Mas, mesmo assim, o verbo não se torna substantivo, como o clarifica a forma de seus complementos.

4.1.2. Expressão dos argumentos

Se a forma nominal do verbo fosse um substantivo derivado de um verbo, a forma de expressão esperada dos participantes ao evento seria idêntica àquela dos participantes que podem entrar em relação com uma entidade designada por um nome. Ora, o ‘agente’ da forma nominal dos verbos transitivos não aparece como o complemento do nome genérico relacional *-te*, e sim representado por um índice no auxiliar *-te*, obrigatório com a forma não finita/aorista dos verbos transitivos¹⁹. Em outras palavras, o verbo na sua forma nominal continua acompanhado pelos seus complementos, desprovidos de marcas casuais (e pelo auxiliar *-te* quando ele é transitivo), como o verbo de uma oração independente aorista/negativa/imperativa ou de uma oração dependente: é o caso do sujeito *piʔõ* ‘mulher’ e do objeto *siʔõno* ‘cesto’ do verbo *ĩʔmanharĩ* ‘fazer’ em (18).

¹⁷ Seguimos aqui, mais uma vez, os critérios de Haspelmath (1996 : 47): “formations are inflectional to the extent that they are regular, general and productive”.

¹⁸ Com exceção do prefixo *ti-*.

¹⁹ Se o nome genérico relacional tiver sido usado originalmente para introduzir o argumento ‘agente’ de um nome deverbal, antes de ser interpretado como um auxiliar, a semelhança entre o nome genérico relacional e o auxiliar estaria explicada.

- (18) Wa za ñ-rĩĩ [pi?õ si?õno te ñ-?manharĩ za?ra zô].
 EGO FUT 1ªSG-procurar mulher cesto [3ªPL]AUX N[3ª]fazer PL FIN
 Eu vou procurar um cesto que as mulheres fazem.

Porém, o sujeito perde uma de suas propriedades: o clítico sujeito não pode ocorrer dentro de um sintagma verbal cujo núcleo é a forma nominal de um verbo. O uso do clítico heterofórico perfeito *ma* no exemplo (18) tornaria a construção agramatical.

- (18') * Wa za ñ-rĩĩ [pi?õ **ma** si?õno te ñ-?manharĩ za?ra zô].

As características internas de um sintagma verbal cujo núcleo é um verbo na sua forma nominal são, portanto, as de um sintagma verbal dependente.

4.2. Propriedades nominais

As propriedades nominais de um sintagma cujo núcleo é um verbo na sua forma nominal são todas as características externas de um sintagma nominal, ou seja: o acesso à função de predicado numa predicação inclusiva/equativa, como no exemplo (19), e às funções de complemento sujeito, objeto e oblíquo, tal como em (20), (21) e (22) respectivamente.

- (19) Āhã wedenhorõ hã [marã ?rep si ?re-ñ-höimana za?ra mono].
 DEM cordinha PE mato INESS só IMP-N[3ª]ficar PL QNT
 Essas cordinhas são das que ficam só no mato.

- (20) [Īsépu wa-te ñ-azéptö] te oto ?re-nomro.
 doente 1ªPL-AUX N[3ª]curar HTO.NP agora IMP[3ª]andar
 Os doentes que nós curamos já estão andando.

- (21) [Mimi da-te ñ-ubumro] wa wa-te waibu.
 lenha 3ªGNQ-AUX N[3ª]juntar EGO 1ªPL-AUX [3ª]pegar
 A gente pegava a lenha que (os homens) juntavam.

- (22) [Bö wa-te ñ-sebre zô] te wei mo.
 urucum 1ªPL-AUX N[3ª]cozinhar FIN HTO.NP CTP [3ª]jir
 Ele veio buscar o urucum que nós cozinhamos.

Conclusão

A forma nominal do verbo faz parte do paradigma das formas de um lexema verbal: não é um novo item lexical obtido por derivação. Ela reúne, portanto, um conjunto de propriedades características de duas categorias lexicais diferentes, o que faz dela um caso interessante para a definição particular das classes de palavras em xavante, assim como para o estudo teórico das partes do discurso em geral.

Por fim, sua semelhança com a forma dos verbos transitivos cujo argumento 'agente' é de segunda pessoa sugere uma hipótese diacrônica: se, por motivos pragmáticos, a construção usada para se referir a uma situação com um agente de segunda pessoa era uma predicação equativa com o 'paciente' como sujeito e a forma nominal do verbo como predicado (algo como 'o paciente é o afetado de você')²⁰, então o prefixo da forma nominal do verbo pode ter dado origem, no caso dos verbos transitivos, à marca do argumento agente de segunda pessoa.

Referências bibliográficas

Alves, Flávia de Castro. *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. Tese de doutorado, Campinas: UNICAMP – IEL, 2004.

²⁰ Construção encontrada em katukina, movima, maya, esquimó, adighe, austronésio.

- Anderson, Stephen R. *A-Morphous Morphology*, Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- Desclés, Jean-Pierre. “State, event, process, and topology” in *General Linguistics* vol.29 n°3, pp.159-200, 1989.
- Dourado, Luciana. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê)*. Tese de doutorado, Campinas: UNICAMP – IEL, 2001.
- Guentchéva, Zlatka. *Temps et aspect: l'exemple du bulgare contemporain*, Paris: Editions du CNRS, 1990.
- Haspelmath, Martin. “Word-class-changing inflection and morphological theory” in Booij, Geert & van Marle, Jaap. *Yearbook of Morphology 1995*, Kluwer Academic Publishers, 1996, pp.43-66.
- Lachnitt, Georg. *Damreme'uwaimramidzé: estudos sistemáticos e comparativos de gramática xavante* (2ª edição), Campo Grande: Missão Salesiana de Mato Grosso / Universidade Católica Dom Bosco, 1999.
- McLeod, Ruth & Mitchell, Valerie. *Aspectos da língua xavante*, Cuiabá: Publicações da SIL, 2003 (edição eletrônica, acessível no site <http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/dictgram/xvgram.pdf>). Primeira edição: Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1977.
- Oliveira, Christiane Cunha de. *The Language of the Apinajé People of Central Brazil*. Tese de doutorado, University of Oregon, 2005.
- Oliveira, Rosana Costa de. *Morfologia e sintaxe da língua xavante*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 2007.
- Queixalós, Francesc. “Posse em katukína e valência dos nomes” in Rodrigues, Aryon Dall’Igna. & Cabral, Ana Suely Arruda Câmara. *Novos estudos sobre línguas indígenas*, Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2005, pp.177-202.
- Salanova, Andrés Pablo. *Nominalizations and aspect*. Tese de doutorado, MIT, 2007.
- Santos, Juliana Pereira dos. *Marcas pessoais: concordância de número e alinhamento em Xavante*. Dissertação de mestrado, Brasília: UnB – IL. 2008
- Tesnière, Lucien. *Eléments de syntaxe structurale*, Paris: Klincksieck, 1959.
- Tournadre, Nicolas. “Personne et médiatifs en tibétain” in *Faits de langues* vol.2 n°3, pp.149-158, 1994.